

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A HISTÓRIA DO SEBASTIÃO

◆◆ Por LEONOR DE CAMPOS ◆◆

FUI há dias visitar a minha amiga Esperança. Depois de palestrarmos sobre assuntos vários, perguntei-lhe — «Lembras-te da nossa condiscípula Josefina, aquela a quem todas nós chamávamos Fininha?» — «Perfeitamente. Que é feito dela? Tornaste a vê-la?» — «Tornei. E — coitadita! — bem desgraçada...» — «Porquê?» — indagou a minha amiga, surpreendida e curiosa. — «Porque... Vou contar-te a sua história... É triste mas encerra uma lição. Escuta:

Como sabes, a Fininha casou nova, muito nova mesmo. E aos dezoito anos era mãe dum rapazito vivo, espertalhão, lindo como um anjo.

O petiz foi crescendo e era adorado por toda a família. E tanto o amimaram que, pouco a pouco, se foi convencendo de que podia fazer todos os disparates que lhe viessem à cabeça...

Tornou-se mau, insolente, brígão. Mas o seu pior defeito era outro: fez-se ladrão!...

A minha amiga Esperança deu um salto na cadeira:

— «O quê? Ladrão? Que horror!...»

— «É verdade; — continuei — um autêntico ladrão. Principiou por tirar dinheiro aos criados. Ia às malas deles e roubava-lhes todo o dinheiro que tivessem, comprando com êle rebuçados e outras guloseimas. A princípio os criados, que não suspeitavam do menino, olhavam-se uns aos outros com desconfiança. Até que, certo dia, o pequeno foi apanhado em flagrante.

— «Então que é isso, menino?» — interrogou, surpreendido, o criado ao encontrá-lo a revolver a sua mala... Sebastião, o filho da Fininha, não se atrapalhou. Desatou a rir e replicou: — «Ora!... Pois que há-de ser? Vocês são uns gatunos. Fartam-se de roubar a mamã nas compras. E eu vingo-a. Quem rouba a ladrão...»

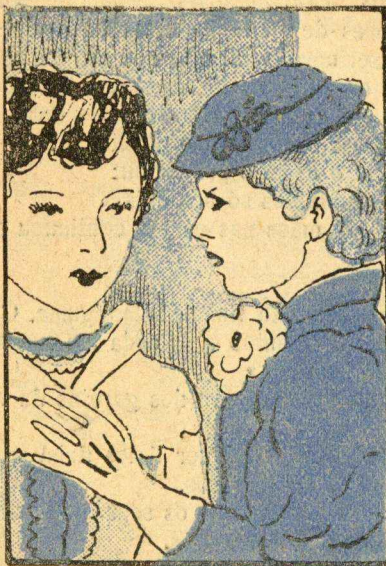
O criado, indignadíssimo, foi queixar-se à senhora. Mas esta riu também e disse ao criado:

— «Você não tem vergonha de vir acusar a criança por semelhante ninharia?!... Que crime cometeu ela? Tirou-lhe uns míseros tostões!... Grande coisa!... Você na idade dele fazia o mesmo ou ainda pior!... Portanto, já que está tão descontente, vá imediatamente reunir as suas roupas e hoje mesmo sai de minha casa...»

É claro que o Sebastião, vendo-se assim protegido, continuou nas suas rapinices. Entrou no liceu. E aí roubava as merendas, os livros e o mais que podia apanhar, aos condiscípulos.

Fez a custo o 2.º ano. Mas quando iam matriculá-lo no 3.º, declarou terminantemente que não queria estudar mais.

(Continua na página 3)



BRINCADEIRAS

Por EDUARDO SEQUEIRA

Menção honrosa do Concurso

O dia estava muito lindo e convidava o Zéquita e o Fernandito, a aproveitarem-no para irem brincar para o grande jardim que rodeava a casinha onde viviam com seus pais.

Como de costume, antes de escolherem o assunto para a brincadeira, procederam às sortes para ver qual dos dois tinha o direito de escolher.

Eram lindos os dois rapazitos, mas... sempre muito rabinos.

Calculem vocês que jogavam sempre à pancada antes de começarem a brincar!

Ambos se julgavam com o direito de escolher as brincadeiras e, como cada um desejava a sua coisa, começavam a discutir e acabavam sempre por se baterem.

Coisa feia o procedimento dos dois meninos!

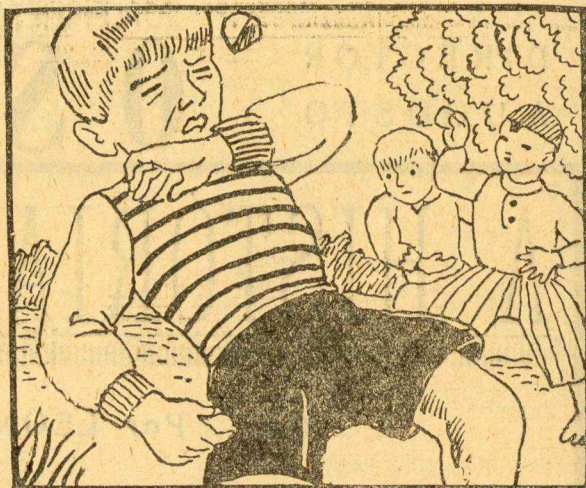
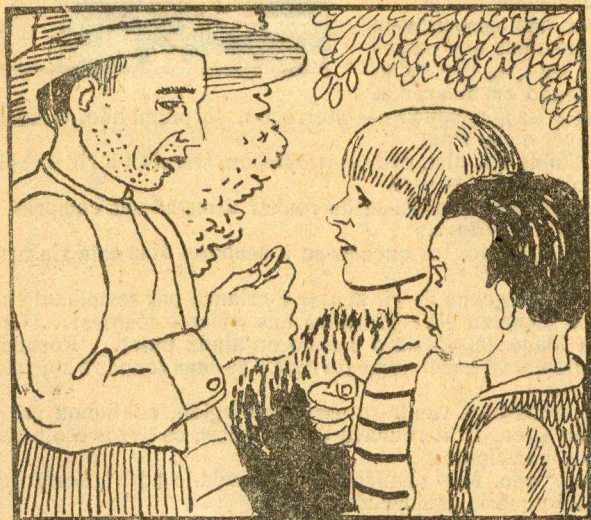
Porque não escolhia cada um a sua brincadeira e combinava com o outro, amigavelmente?

Mas não!

Infalivelmente haviam de se zangar e depois como cada um era castigado, pelos seus pais, acabavam por desistir da brincadeira.

Até que, um dia, o velho jardineiro, farto de os vêr de castigo, chamou-os e disse-lhes, depois de ter tirado uma moeda da algibeira do colete todo rôto:

— «Eu vou ensinar-lhes a maneira de escolherem as brincadeiras sem se zangarem nem baterem. O Zéquina, porque é o mais velho, atirárá esta moeda ao ar. Quando ela cair no chão, os dois verão qual o lado que ficou para cima. Se fôr cara, será o Zéquina quem escolherá o assunto para as brincadei-



ras, e se fôr escudo caberá a vez de escolher ao Fernandinho.»

E foi assim que, nessa tarde, êles fizeram.

Calhou, ao Fernandito, o direito de escolher.

Ora, já nos dois dias anteriores, a sorte havia favorecido o mais novo, e esta nova repetição foi quanto bastou para que o Zéquita começasse logo:

— «Assim, não vale! E's sempre tu e eu nada!...»

— «Mas isso é que vale. Tu não viste que foi o escudo que ficou para cima?»

Mas o Zéquita, não querendo convencer-se, ainda tornou:

— «Assim não vale!»

O Fernandito, então, como se de qualquer coisa se tivesse lembrado, disse ao irmão:

— «Espera aí!»

E, dando-se ares de muita importância, começou:

— «Vamos fazer uma batalha. O que sair vencedor terá direito de escolher as brincadeiras. Quando o vencido quizer, em qualquer altura, faz-se outra batalha. O que ganhar é que terá o direito!...»

O irmão torceu o nariz e perguntou:

— «E faremos a batalha só nós dois?»

O Fernandito, de mãos nas calças, continuou com ar triunfante.

E disse:

— «Só nós os dois não tinha piada alguma. Cada um arranja rapazes. Quantos mais cada um arranjar, com mais poderá batalhar.»

E cada qual partiu à procura dos garotos da vizinhança.

Quando se juntaram, qualquer deles tinha arranjado grande número de soldados.

Os dois inimigos procuraram os seus acampamentos, bastante longe uns dos outros.

J E S U S E O Ó R F ã O

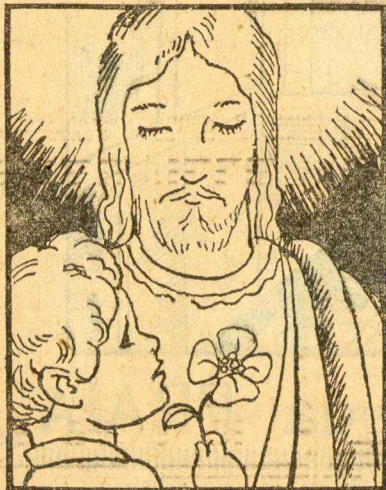
Por MILAU

JESUS-CRISTO que seguia uma tarde, pensativo, reparou que lhe sorria um menino de olhar vivo.

Preguntou Nosso Senhor: «Que queres tu, meu menino?»
— «Eu quero dar-te esta flôr, (respondeu o pequenino.)

Todos os dias colhia no vale uma flôr assim; essa flôr dava alegria para a mãzinha e p'ra mim.

Mas a mãzinha morreu! Não tenho a quem dar a flôr,



Tu és tão bom... Então; eu colhi-a p'ra ti, Senhor.»

Jesus, muito comovido, perguntou-lhe, docemente: «Que queres tu, meu querido, em troca desse presente?»

A criança, pensativa: — Não sei! — respondeu por fim. — Se minha mã fosse viva escolheria por mim. —

— «O teu coração é d'ouro... murmurou Jesus. Pois bem... Vou dar-te um grande tesouro: — Ressuscito tua mã.»

A História do Sebastião — (Continuado da página 1)

O pai, então, já um pouco arrependido das suas condescendências para com aquêlo filho, que tão mau carácter mostrava, arranjou-lhe um emprêgo em casa de comerciante amigo.

Mas... começa aqui a tragédia da Fininha. O comerciante foi viajar e deixou a casa entregue ao guarda-livros. Este começou a notar faltas de dinheiro na caixa. Vigiou, sem nada dizer e há dias apanha o Sebastião com a boca na botija.

Chama testemunhas. Manda prender o rapaz.

E a Fininha, agora, anda como louca. Foi lá a casa pedir a meu marido que, como advogado, se encarregue da defesa do filho.

Imagina tu quanto sofrerá a desgraçada, teído, de mais a mais, consciência de que, em parte, é sua a culpa, visto não ter sabido educar o rapaz!...

A minha amiga Esperança disse, então:

— Há poucos dias numa *matinée* infantil realizada em determinado cinema, assisti a um caso que a tua história me fez agora recordar.

A certa altura distribuíram brindes pela criança. Um dos pequenitos conseguiu alcançar algumas bugangas.. Radiante de felicidade, dirigia-se para o lugar com os seus *tesouros*, quando, de súbito, se vê assaltado por dois rapazes, muito maiores e mais alentados que, à força de músculos, conseguem roubar-lhe os pequenos brindes!...

Ora eu bem sei que êstes eram insignificâncias. Mas embora!...

Sejam ninharias ou objectos de valor, tudo o que pertença a outrem, deve ser para nós sagrado.

Aqueles rapazes que hoje tiram coisas que nada valem, amanhã, já homens, roubarão em ponto grande. E... ai deles!... — nessa altura não terão já atrás de si a mã a protegê-los. Terão apenas na sua frente o juiz que vai condená-los!...

— «Tens razão, minha amiga — respondi —. É assim mesmo!... E como é preciso que todos os meninos sejam honestos, vou contar-lhes no *Pim-Pam-Pum* a história do Sebastião. Talvez evite que, daqui em diante, haja meninos capazes de se apoderarem do que lhes não pertence...»



A batalha começou e as enfermeiras, umas garotas muito sujas, esperavam que os seus serviços fôsem precisos.

De ambos os lados inimigos, fizeram avanço, e, quando se encontraram, a batalha deixou de ser a brincar. Batiam-se, uns nos outros, como se, realmente, fôsem verdadeiros inimigos.

Choveram até algumas pedradas.

Os postos de socorros nem sequer foram utilizados pois ninguém pensava em ir para a Cruz Vermelha a fingir que estava ferido.

Em certa altura e no momento em que o pai do Fernandito e do Zéquita se aproximava para os pôr na ordem, êste último recebeu uma forte pedrada na cabeça. Deu um grito de dôr e nada mais sentiu. Perdera os sentidos.

Seu pai correu para êle e levou-o nos braços para casa onde sua mã, com toda a ternura, cuidou dêle.

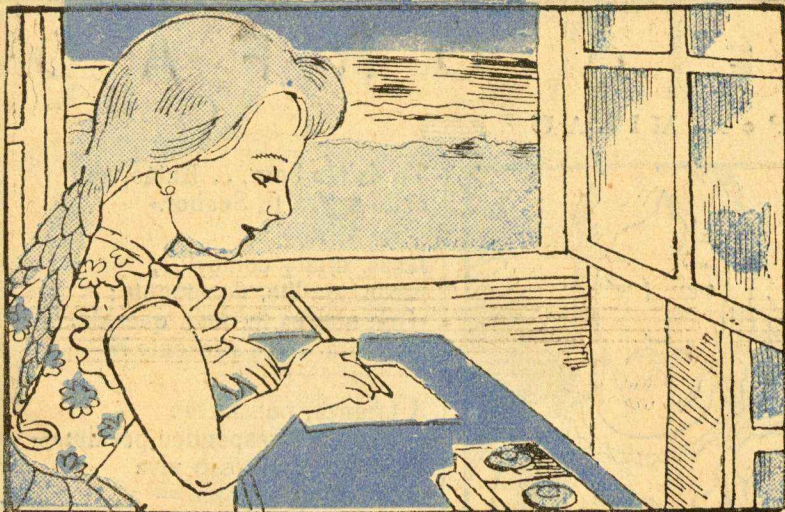
Um grande alto na cabeça, era a condecoração da triste brincadeira.

Quando voltou a si, sentiu fortes dores de cabeça e naquele dia já não saíu da cama.

Não apanharam desta vez açoites porque seus pais calcularam que o sofrimento físico do Zéquita e o sofrimento moral de Fernandito, ao vêr seu irmão ferido, haviam chegado para castigo.

Desde então, nunca mais tiveram discussões sobre a escolha das brincadeiras, porque seus papás ensinaram-lhes uma coisa muito simples e que deu magníficos resultados:

Num dia era um a escolher, no outro dia o outro,



NOVA CARTA da PRAIA

POR GRACIETTE BRANCO

NOVA carta da praia. Assim que chego, minha amiga distante, logo lembro, neste suave e místico sossêgo, que hei-de estar, sem te ver, até Setembro!

Então, sento-me e escrevo. O que tens feito? Também tens ido à praia? Tens brincado? Eu aprendo a nadar e tenho jeito... O mar é um leão domesticado...

Gosto muito da praia, dos rochedos, das algas, das conchinhas, do marisco, que vamos arrancar, de manhã cedo, saboroso e simpático petisco!

Lapas e mexilhões, muito colados, sôbre a rocha morena e luzidia, pelos nossos dedinhos arrancados, assim que rompe o Sol e nasce o dia...

Aqui, na praia, não há Pais nem filhos... Somos todos crianças, afinal; quando desponta o homem dos barquinhos, corremos todos, com prazer igual...

A tarde, vou ao Parque, ao Tamariz, encho os pulmões de ar puro e salutar, e quando chego a casa, vou feliz, pensando, com prazer, no meu jantar...

Aqui, não cômoo. Aqui, devoro tudo, por isso estou mais gorda, mais cõrada, acredita que é certo, não te iludo, sinto a roupa a ficar tôda apertada...

Adeus. Espero carta brevemente. Se não respondes, cré que tenho pena. Abraça-te, saúdosa, ternamente, a tua muito amiga — *Madalena*.

Mestre

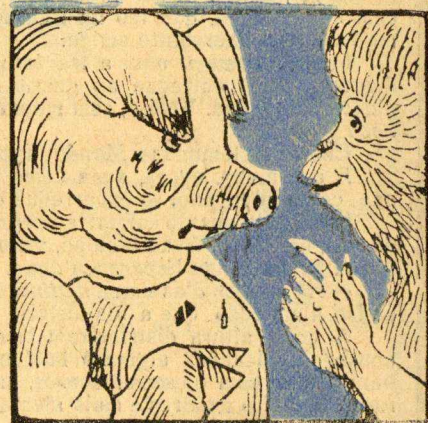
O senhor Castro, abastado roceiro de S. Tomé, costumava passar, de tempos a tempos, uns meses na metrópole.

Para isso, alugou uma casa nas imediações de Bucelas.

Era um palacete à antiga portuguesa, com seu jardim, horta e quinta onde, à hora do calor, o senhor Castro dormia a sesta.

De África viera, além de outra bicharia, um macaco, ladino e esperto, o Faustino, que era um entretenimento para os saloios que muito folgavam com as partidas do bicho:

— «Olha que *ingraçado*, *Tóino*. Como



êle se pranta em riba em menos dum forfe. Inté tem o *demoino* na pele.»

Bandos de rapazitos, com seus carapuços e montando cavalos de cana, corriam a ver o macaco.

— «Ah! Nunca vi *alimal* a êste *jêto*.»

Faustino, que era soberbo e tólo, sor-

CONCUR

Para a segunda série dos poemas e contos infantis, relecta aos bemos as seguintes produções:

POESIA : — «Entradas de objecto exquisito», do mesmo por Violeta Brava; «A minha Santos»; «A lógica do Chiquinho Santos»; «A Lérias», por Pelada e da primeira Comunhão», por entim nal», por Maria de Jesus dos Santos; «por João Menezes de Matos»; «nas Gil»; «O Eurico», por Neco Garce por Zé Ninguém.

CONTO : — «O rato preguiçoso», p

e Faustino

MANUEL FERREIRA

se, enlevado, fazendo carantonhas feias
saloios e tratando os outros bichos
com demasiado orgulho.

O macaco andava, livremente, pela casa.
Porém, muitas vezes, vinha, à pocilga, dar
dois dedos de conversa com o amigo
porco.

Este, com focinho de poucos amigos,
não simpatisava nada com Faustino, por
este o andar sempre a achincalhar diante
de outros bichos.

Naquela tarde, o Faustino começou:

— «Viva lá, camarada porco. Então, que
tal vai essa vidinha?»

O suíno, que estava às voltas com a
ameia, retorquiu:

— «Cada vez melhor. É uma vida que
até faz inveja àqueles que não têm esta
sorte. Claro está que não há bem que
sempre dure...»

O macaco pôs-se, então, a troçar:

— «Você não tem desgosto de viver na
mundície? Palavra que, às vezes, chego
a dizer cá para mim: «Se um dia, o com-
padre se lava, morre com uma pneu-
monia.»

O porco grunhiu, entre dentes:

— «Talvez, talvez. Mas saiba o tio Faus-
tino que cada qual é para o que nasce.
Olhe que é muito feio intrrometer-se na
vida de cada um. O que é certo é que,
mesmo assim, sou muito apreciado.»

— «Está bem, — disse o macaco despei-
dado. — Não queria ofender o vizinho. Digo
isto por falar. Como não tenho que
fazer...»

— «Então, quando não temos que fazer,
fazem-se asneiras? Essa nem parece sua,
meestre Faustino, veja lá se eu não falo o
menos possível. Ao menos escuso de mos-
trar aos outros a minha ignorância» —
tornou o porco, sentencioso.

— «Como o compadre está hoje... —
aplicou o macaco. — Quem o ouvir falar
ga que você é alguém, no reino dos bi-

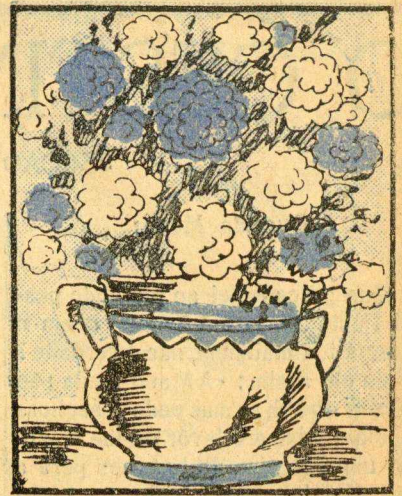
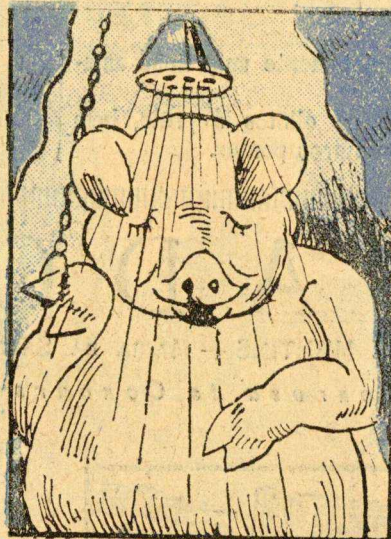
chos. Afinal, com essa sabedoria, não vale
nada...»

— «Ah! — observou o porco. — Não te-
nho importância, eu que, depois de morto,
valho uma grande porção de dinheiro? Você
que passa a vida, aí nos quintais, a
surripiar a fruta, a fazer caretas e a imi-
tar toda a gente é que tem algum valor? Eu,
pelo menos, morto, ainda valho alguma
coisa. Mas o compadre é que nem morto
nem vivo...»

— «Mas toda agente se ri, à minha
custa...»

— «Sim, sim — tornou o suíno — Mas se
o compadre soubesse a figura que faz...»

O macaco, que nunca tinha ouvido uma
lição tão áspera, reconsiderou, passando,
depois, a falar aos outros bichos sem
aqueles ares superiores e afectados que
tantas antipatias lhe alcançaram.



FALSOS VALORES

Por LAURA CHAVES

Ninguém põe na sua ideia,
como essa jarra encarnada
que saíra mal vidrada,
bojuda e desengraçada,
era feia, mesmo feia.

Ora aconteceu, um dia,
irem nela colocar
umas rosas de tocar,
dessas, que só de as olhar,
enchem tudo de alegria!

E, depois, cousa bizarra,
as rosas, com seu encanto,
embelezaram-na tanto
que todos, cheios de espanto,
disseram: — Que linda jarra!

O valor que muita gente
com altivez patenteia,
creiam que é só aparente;
o seu valor, realmente,
vem-lhe de quem a rodeia.

CHARADAS

CHARADAS EM FRASE

1 — A terceira pessoa deste verbo
tem por meser fazer uma transmis-
são sonora — 1 — 2

Solução do número anterior

1 — Camelo; 2 — Girafa; 3 — Hiena;
4 — Leão; 5 — Tigre; 6 — Urso; 7 —
Cobra; 8 — Burro.

RSOS MENSAIS

os concursos mensais, de
ao mês de Julho, rece-

es», por Superbus: «Um
or: «A ideia fixa da M. H.»
inha
ai», por Arlerte da Silva
niqui
Pela
ida e pela Lida; «No dia
entimento; «Amor mater-
os: «O preto e o branco»
os S
recompensa», por Sot-
arcelos); «Formiga má»,

eguido», por Superbus: «O ra-

malhete», por Florinda dos Santos Lemos; «O fruto das
más acções», por Mateus da Ribeira; «O pequeno jorna-
lista», por Pery; «Dois irmãos», por Flor d'Alem-Tejo;
«Não faças aos outros...», por Almirante; «Castigo mere-
cido», por Masene; «O Joanico», por Pela Lida e pela
Vida; «O boi e o cavalo», por João Menezes de Matos;
«A gula é feio vício», por Niobe; «Um vaqueiro improvi-
zado», por Maneco d'Amalan; «O limpa chaminés», por
Eterna Concorrente; «As rosas da princezinha», por Fanny;
«O Bom vence sempre», por Sónia; «A Rita do Oiteiro»,
por Valeta de Espadas; «Os defeitos da Milú», por Maria
Cândida da Costa Cavaleiro; «Uma história verdadeira»,
por Ceulita; «As resoluções do Lelo», por Maria das
Neyes; «O pior castigo», por uma curiosa; «O tio Sovi-
na», por Crétinete; «O colar de pérolas da Malena», por
Atiletse Erbon; «Sou português!» por Malva.

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Querida Maud:

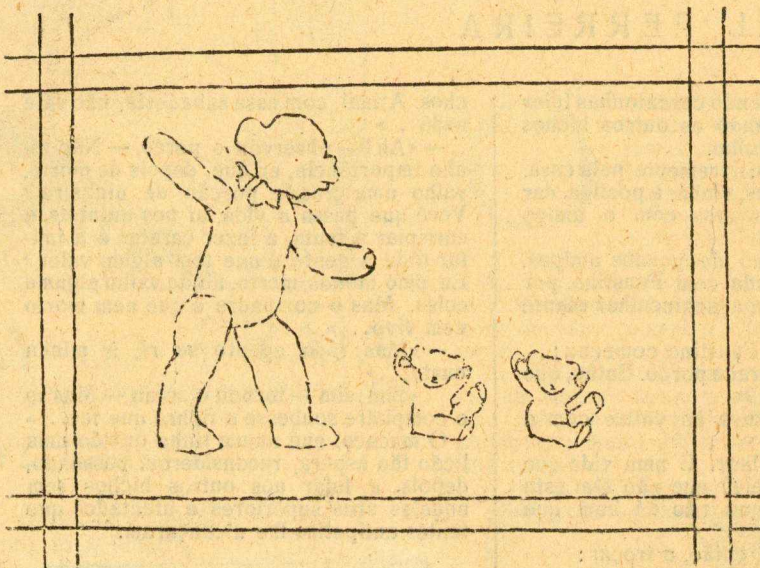
Que graça achei ao teu lindo postal! Fôste tu, naturalmente, quem o ditou á tua mãizinha, não é verdade? Dizia êle assim: «A Maud ainda não sabe trabalhar mas pede á senhora Abelha-Mestra o favôr de lhe arranjar um desenho de bonecos para a sua Mãizinha lhe bõrdar um guardanapinho...»

Pois bem, Maud, a senhora Abelha-Mestra vai fazr-te a vontade.

Tens aí três grandes pândegos. São êles, o grande urso Billy e os ursinhos Pat e Pete.

Creio que êles vão ser uns belos companheiros para as tuas refeições, mas acautela-te, porque êles têm fama de ser um pouco atrevidos e podem comer-te a paparoca!

A tua Mãizinha vai bordá-los assim: — primeiro faz o contôrno todo a prêto e depois, empregando sempre o ponto pé de flôr, enche-



os completamente com linha amarela.

Marca os olhitos a prêto, bem como os outros pontos.

E agora recebe um grande beijo da tua amiguinha.

Abelha Mestra

A DOBADOIRA

POR MARIA DINIZ MARTINS — MARIA DA SAUDADE

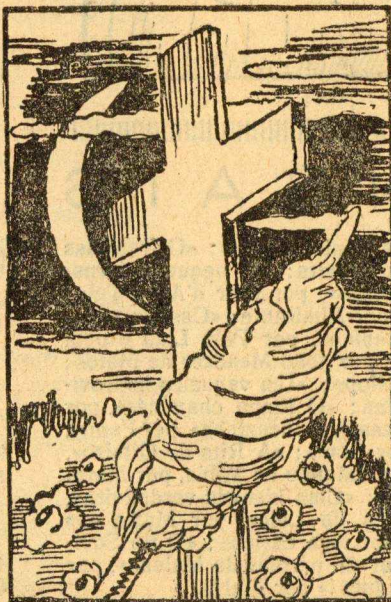
Menção honrosa do Concurso

DOBA... doba... doba...
linda dobadoira,
a meada loira
dum fio de luz...
Que já morre o Sol...
Canta um rouxinol...
para além da Cruz!

— Símbolo do Amor,
expirou Jesus...
Nosso Redentor!—

Doba... doba... doba...
Linda dobadoira,
a meada loira
dum fio de luz...

O novelo cresce...
E desaparece,
que lindo, que lindo!
O novelo infindo...
bola de Luar!...
Já os galos cantam
té parece dia...
Canta a cotovia,
que nos vem saudar!



Doba... doba... doba...
Linda dobadoira,
a meada loira
dum fio de luz...

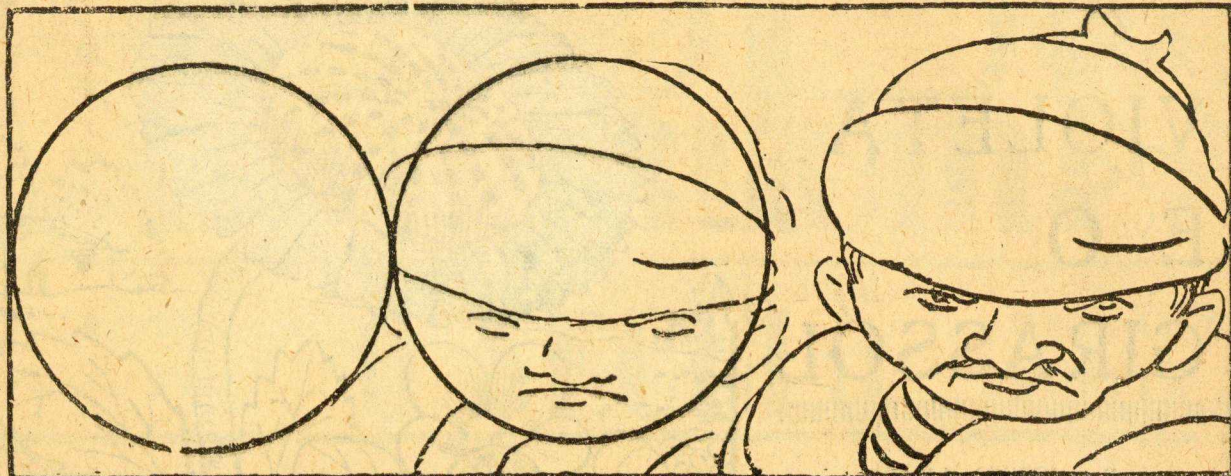
A meada infinda,
tão linda... tão linda!...
A meada imensa
dessa luz intensa,
prestes a findar!...
Morre c'o Luar...
num beijo de Luz!...
Lindo nasce o Sol,
canta um rouxinol,
para além da Cruz...

— Símbolo do Amor,
expirou Jesus...
Nosso Redentor!—

.....
Saudosa lembrança,
duma avó velhinha!...
Que a dobar, contente...
embala a nêtinha!

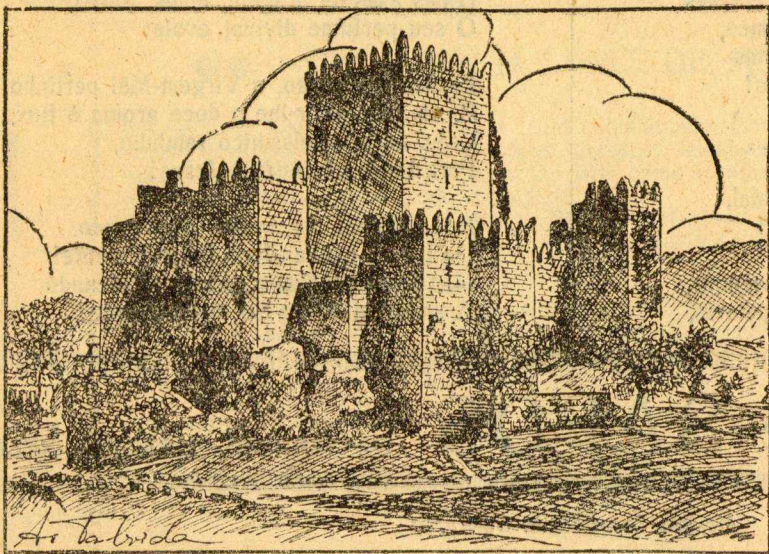
Suas mãos nevadas
enrolando a linha...
são êncãos de luz...
sobre a pequenina!...

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um árabe

CONCURSO DOS PALACIOS
E
MONUMENTOS DE PORTUGAL



REFERÊNCIA
AUXILIAR

Neste velho castelo, fundado em meados do século X pela Condessa Mumadona, tia de Ramiro II, rei de Leão, nasceu D. Afonso Henriques, a 25 de Julho de 1109.

Era, primitivamente, defesa de um mosteiro que ficava situado na parte baixa da colina e constituído simplesmente por uma torre que é a de menagem.

Mais tarde, no século XII, época da construção dos lados nascente, sul e norte, residiram nele o Conde D. Henrique, que o tornou em paço, e sua mulher D. Tereza, pais do primeiro rei de Portugal.

Encontra-se bastante arruinado, especialmente no lado poente que diz respeito aos fins do século XIV.

CONCURSO DOS BICHOS
PREMIADOS E CLASSIFICADOS



Daniel Mathez



Alexandre Pires Lima



Manuel da Mota Nunes Ferna



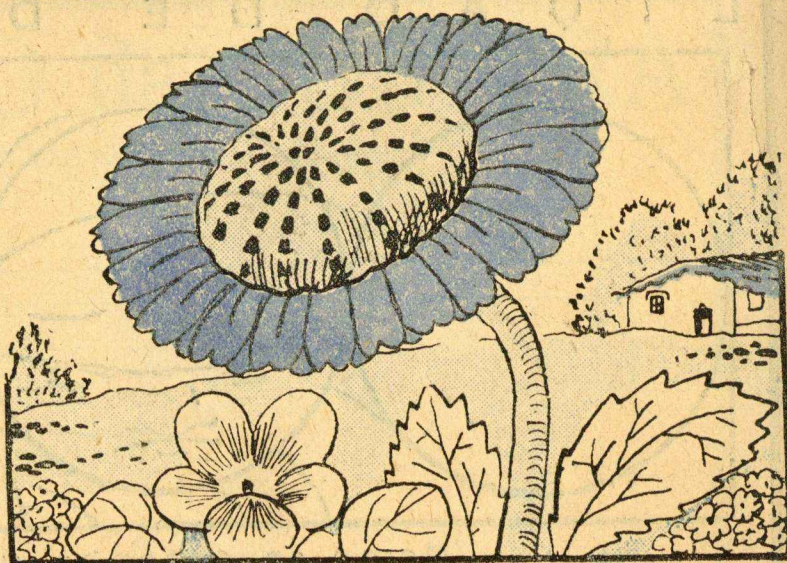
Maria Isabel Vieira Pereira



Abel Carlos Vieira da Ponte

A VIOLETA E O GIRASSOL

Por JOSINO AMADO
(Menção honrosa do Concurso)



DA Judeia num horto vicejante,
Ao despontar do fúlgido arrebol,
A' púdica violeta rastejante,
Falou um dia, assim, um girassol:

— «És desprezível, flor, que te sepultas
A' sombra de folhagens cordiformes,
E com falsa modéstia à luz ocultas
As assimétricas feições disformes!

Olha a minha corola escultural...
E' a beleza da Natura tóda,
Por se mirar em mim o Sol triunfal,
Leva o dia a girar à minha roda!

Meu porte esbelto, por manhãs serenas,
Ergue-se ao céu e tu, com tuas pétalas,

Lembrando chagas roxas de gangrenas,
As podridões dos humos atapetas.»

Ouvindo ao girassol estas censuras,
Mais se ocultou, calada, a humilde viola,
E nas asas da aragem, leves, puras,
O seu perfume divinal evola!

Passou-lhe, então, a Virgem-Mãe pertinho,
E, ao presentir-lhe o doce aroma à flux,
Leda, colheu balsâmico raminho,
Para levar ao cândido Jesus!

E o girassol, ao ver-se desprezado,
De inveja emmarelece horrivelmente!
Mas Deus castiga-o, sendo condenado
A andar atrás do Sol eternamente!

LITÍGIO de SAPOS

Por MANUEL MARTINS RELEGO

Menção honrosa do Concurso

PASSANDO, certa vez, um sapo junto a uma couve, notou que, nas suas fôlhas, existiam numerosas lagartas, as quais, dentro em pouco, acabariam por devorá-las a tódas. Já se preparava para saborear tão belo petisco, quando apareceu um outro sapo que quis, pela força, impedi-lo disso, alegando que nascera ali perto, e que, portanto, a couve era dele, e, conseqüentemente, também as lagartas!

Barafustaram bastante e acabaram por ir resolver o caso perante o Mocho Sabichão que, durante o dia, vivia metido num rochedo, não muito distante.

Este ouviu-os atentamente e, quan-

do acabaram de expor as suas razões, exclamou:

— «Deixem-me pensar bem o caso! Venham cá amanhã, e tudo resolverei satisfatoriamente para ambas as partes.»

Retiraram-se e, quando escureceu de todo, saiu o Mocho Sabichão com a sua fisingada. Guiando-se pelas instruções dos dois patetas, facilmente encontrou as lagartas e... papou-as! Mal romperam os primeiros alvôres da madrugada, logo os dois ingénuos sapos se apresentaram na toca do mocho. Este fingiu-se muito doente e, portanto, impossibilitado de resolver tal assunto. Ficaram os dois bicharocos um instante indecisos ante aquele caso inesperado, mas logo cobraram ânimo e deitaram a correr

destrambelhadamente em direcção à horta.

Mas qual não foi o espanto dos idiotas quando, esbaforidos, chegaram junto da couve e não viram as lagartas!!! Insultaram-se, lutaram bravamente, até que se retiraram, cada qual para seu lado, enquanto o mocho velhaco se ria muito satisfeito.

E os sapos, com seu capricho,
Um aleijado, outro côxo,
Não provaram nem um bicho
E o proveito foi do mocho!

F I M